OS HORIZONTES DA ESPERANÇA*

Paulo Meneses
UNICAP — PE

Posição do problema

Nos começos do século dezenove, Hegel escrevia: “Estamos no limiar de uma nova época. Mudando, o mundo está sempre; mas de repente as mudanças que se processavam em saltos quantitativos, irrompem em mudanças qualitativas. Surge uma nova figura do espírito, emergindo dos fragmentos do mundo precedente. A nova totalidade que surge — como um recém-nascido — não é perfeita: mas é um conceito novo, que recapitula e dá sentido a todo o processo anterior”¹.

Não vamos comentar o texto denso e profundo do filósofo, mas apenas destacar que há momentos na história em que as pessoas têm a consciência de que a própria mudança, ou o fluir dos tempos, também

* Conferência proferida na FEI-SP, em 31 de janeiro de 2000.

¹ G. W. F. HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*. O texto é citado segundo o nosso Roteiro *Para ler a Fenomenologia do Espírito*, São Paulo: Loyola, 1992, 14. O texto completo está em nossa tradução publicada em *Vozes*, 1992 (e várias edições posteriores), G. W. F. HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*, nº 11, p. 26. Uma das melhores edições alemãs é a de Felix Meiner, G. W. F. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, 1988, p. 9 e 10.

mudou: está-se entrando em nova época, houve uma aceleração da história, o velho mundo desabou e, sobre seus fragmentos, está surgindo um mundo novo. Para o bem ou para o mal, uma figura de civilização e de sociedade encerrou sua vigência, e entra-se em uma turbulência que não se sabe bem aonde vai.

Nas primeiras décadas do século XX, Bergson advertia que nossa época tinha alcançado um enorme desenvolvimento técnico e material, mas esse se tornava perigoso por não ter sido acompanhado de um desenvolvimento espiritual equivalente. Que o homem precisava de um “suplemento de alma” para fazer face aos desafios dos novos tempos².

Que dizer então do momento atual em que o calendário muda de século e de milênio, quando a aceleração da história é quase palpável na obsolescência rápida de nossos equipamentos, e as descobertas são programadas para surgirem cada dia, como cogumelos, nos Institutos de Pesquisa? A energia nuclear, a navegação espacial, a informática, a cibernética, as telecomunicações, a engenharia genética e tantas outras aquisições da tecnologia mudaram a vida do homem na face da terra, e a expectativa é que mudanças ainda maiores surjam no século que começa.

Hegel era inimigo declarado do pensamento utópico. Quando dizia que o “real é o racional, e o racional é o real” estava afirmando que o irreal estava fora do mundo, da racionalidade e do ser. O que vai afirmar-se no futuro já está no presente em forma germinal, embrionária, mas pode-se pressentir, como no feto se prenuncia o organismo para o qual vai evoluir, e como pela semente é possível antecipar-se a árvore. Não é fácil para as pessoas reconhecerem esses sinais dos tempos, mas os filósofos têm de debruçar-se sobre eles, pois têm como tarefa traduzir seu tempo em conceitos. Hegel tem um aforismo famoso: “Não podes ser melhor do que teu tempo, mas podes ser o melhor de teu tempo”³. Trata-se de rememorar a trajetória de seu tempo, de captar-lhe o sentido, e de vislumbrar assim os rumos do porvir, partindo dos novos germes que estão brotando no presente.

Fazendo uma ponte de quase um século de distância entre o pensamento de Hegel e o de Bergson, podemos concluir que esses “suplementos de alma” já estão presentes e atuantes no mundo atual. Ainda não chegaram a seu pleno desenvolvimento, nem ganharam toda sua

² HENRI BERGSON, *Les deux sources de la morale et de la religion*, Paris: Presses Universitaires de France, ³³1941, Remarques finales, p. 330.

³ Aforisma do tempo de Iena, em *Dokumente zu Hegels Entwicklung*, Ed. J. Hoffmeister, Stuttgart: Frommann Holzboog, 1974, 369. Tradução literal “cada um quer e pensa ser melhor que seu mundo. Quem é melhor exprime esse seu mundo melhor que outros”.

força para marcar decisivamente o mundo novo que está surgindo. Mas já estão aí, na expressão do poeta Bilac, como “ouro nativo que na ganga impura / a bruta mina entre cascalhos vela” e vão brilhar no mundo que surge, irradiando sobre a história em sua nova figura.

Quais são esses “suplementos de alma” que já despontam na virada de milênio? É muito fácil elencar defeitos, distorções, perigos e ameaças trágicas de nossa época. Mais difícil é encontrar quem se aplique a detectar os sinais de esperança. A esperança é uma força dialética do espírito humano: avança por negações de negações, e supera os mais profundos abismos da irracionalidade e do absurdo, pois os nega através de uma racionalidade ainda mais radical — e assim a esperança abre caminho por onde se parecia ter chegado ao desespero extremo. Há na esperança uma negatividade constitutiva: ela se volta contra o mal, que é seu obstáculo, para superá-lo e dar o salto dialético em que sobe a um nível mais alto e se reencontra com o Bem.

Não pretendo fazer um levantamento exaustivo de todos esses “suplementos de alma”. Apenas indicar alguns mais destacados, deixando o resto para outros mais sábios analistas. “Custos, quid de nocte?” diz a Bíblia: “Vigia, que vislumbra na noite?” Para a exposição não ser muito errática, recorro a tópicos de referência a fim de organizar esses vislumbres ou “suplementos de alma” — 1: relações homem / natureza ; 2: relações inter-humanas; 3: relações homem/Deus.

1 - Relações homem/natureza

A consciência ecológica

Nos tempos de Hegel, como nos tempos de Bergson, não tinha surgido a preocupação ambiental. Por um lado, ainda reinava a arrogância iluminista do homem que se julgava senhor absoluto da natureza e, por outro, alastrava-se a revolução industrial predatória, como se os recursos naturais fossem inesgotáveis e os poluentes não fizessem problema, pois, imaginava-se, a terra, o mar e o ar podiam absorvê-los e reprocessá-los indefinidamente.

Mas justamente com a expansão do mundo industrial, sua urbanização anárquica, veio uma degradação enorme do meio ambiente: hoje em dia, os cursos d’água, os oceanos e a própria atmosfera estão saturados de poluentes que começam a pôr em risco a sobrevivência da espécie. Como é comum no processo dialético, foi preciso chegar a

esse extremo de inconsciência para que surgisse vigorosamente a consciência ecológica, e se expandisse por todos os lados na sociedade civil, atingindo até os partidos, os governos e os organismos internacionais. A questão ambiental é tanto mais premente porque cada vez mais se evidencia que está em jogo nossa sobrevivência como espécie. O discurso em defesa da natureza é de tanta racionalidade que não admira ter-se tornado uma das evidências da consciência contemporânea. No plano das práticas, países dominantes ainda resistem em cortar um pouco de seus lucros imediatos para resolver problemas vitais como a camada do ozônio; a tal ponto esses países, em sua irracional ânsia de dominação, são insensíveis a questões de humanidade. Mas a consciência da sociedade civil vai terminar por dobrá-los, antes que seja tarde.

Porém o apelo em defesa da natureza não se firma só na racionalidade — por mais razoável que seja evitar a destruição da biosfera e do homem com ela —; baseia-se também numa “mística”. Não foi sem motivo que tantas culturas consideraram a natureza como mãe — a grande mãe universal — donde o ser humano recebe a vida, a nutrição e a alegria de viver em conjunto com seus astros e animais, seus rios e lagos, e a maravilhosa cobertura vegetal. Adoraram-se árvores e rios, fenômenos da atmosfera e astros, pedras e animais. Essa intimidade com a natureza, o iluminismo racionalista, e ainda mais sua exacerbação capitalista, puseram a perder. A dessacralização da natureza é o primeiro passo para a dessacralização do ser humano, que é uma parte dela. No Cristianismo, basta ver, por exemplo, São Francisco de Assis e Teilhard de Chardin, e sua imensa ternura para com a natureza, que não é Deus, mas é sagrada, por ser a manifestação da glória de Deus; e também o homem é sagrado como imagem e filho de Deus.

Esperamos que, no novo século, essa racionalidade da preocupação ambiental, que começa a atingir até as empresas que têm uma visão mais totalizante e de médio prazo, seja completada por um amor à natureza. Que nossa espécie abandone de vez o arrogante preconceito de sua dignidade exclusiva e viva o amor à natureza, reaprenda a vê-la com outros olhos, e a inclua em sua religiosidade e no seu culto, mesmo que seja como trono e resplendor de seu Deus.

Eis, portanto, um “suplemento de alma” que a civilização precisa desenvolver sempre mais no novo século, e dar-lhe sua plena dimensão. Não há dúvida de que é este um dos principais legados que nosso século, ao expirar, deixa ao novo milênio, em que o germe vai produzir flores e frutos. Além da redescoberta do amor e do culto à natureza, vamos assistir ao aprofundamento de estudos e pesquisas ambientais, à conscientização ampla da sociedade civil, à legislação ambiental dos Estados, e elaborar um Direito ecológico internacional com instrumentos eficazes para proteger o planeta e a vida em sua

totalidade. Esperamos, assim, reverter a situação, purificar rios e mares, diminuir o buraco de ozônio e respirar ar puro nas grandes cidades.

2 - *As relações inter-humanas*

O homem é um ser de relações. O “suplemento de alma” de que necessita situa-se, nesse campo interpessoal, prejudicado pelo individualismo que contradiz a própria condição humana. Vários prenúncios de uma reversão dessa atitude, ou sintomas de uma nova consciência — que tem todo um milênio para desenvolver-se e frutificar — já podem ser enumerados.

A - O ressurgir da Ética

Pareciam estar longe as concepções inaugurais dos gregos em que o homem era definido por sua qualidade ética, sendo todas as suas atividades subordinadas a essa atitude fundamental de opção pelo Bem, que reinava sobre a razão prática como a Verdade sobre a razão teórica. Depois, foi a Ética uma grande corrente do pensamento ocidental que atravessa a Idade Média, passa por Descartes, Espinosa e os grandes idealistas alemães. Tudo isso parecia obliterado com a difusão do individualismo e outros materialismos radicais. Nessa mentalidade, que se tornou dominante, não havia espaço para a ética, já que seu “imperativo categórico” era o que se expressou aqui na famosa “Lei de Gerson”: “levar vantagem em tudo”.

Eis que começam a surgir, por todos os lados, reivindicações pela Ética: a retomada de seus estudos e a exigência de sua prática. Como sempre acontece, as reversões vêm quando um processo se exaure em seus absurdos: no caso, uma corrupção nunca vista, “ampla, geral e irrestrita” (como a anistia se proclamou). Corrupção invadindo os órgãos do governo, as relações econômicas e a vida pessoal. Tomou-se consciência de que, por esse caminho, a humanidade não tinha saída, a vida social marchava para sua autodestruição. Assim, a Ética ressurgiu como uma necessidade básica da sociedade humana, e o Bem como o elemento em que o ser humano pode realizar-se autenticamente.

Vêm-se surgir seminários, grupos de estudo, comissões de Ética um pouco por toda a parte. O que não significa que a Ética esteja reinando nas preocupações humanas e nas Instituições. A corrupção e a violência continuam em alta, mas sua presença avassaladora alimenta a indignação, a consciência de seu absurdo e a urgência de dar-lhes um

basta. Ainda persistem mentalidades avessas à Ética, e surgem novas, como o pensamento pós-moderno que tudo desconstrói e desestrutura, e portanto também a Ética que constrói e estrutura o homem em torno de valores espirituais. Mas podem ser consideradas como estertores de uma ideologia e atitude agonizantes, enquanto o futuro e o “suplemento de alma” para enfrentar os novos tempos, estão na Ética.

B - Os Direitos humanos

A segunda metade do século que finda viu os Direitos humanos difundidos e ampliados como em nenhuma época. Não é que sejam menos violados que antes: mecanismos de atraso, ganância dos países poderosos, ódios antigos reciclados e exacerbados, têm contribuído para que genocídios, guerras infundáveis, fome, grassando sobre mais de um bilhão de seres humanos, não permitam que sejam efetivados os Direitos humanos de grande parte da humanidade. Mas cresceu o sentimento do absurdo dessa situação, e isso já é muito, pois, enquanto essas desgraças eram tomadas como calamidades naturais ou como constitutivas da condição humana, não se podia avançar em nada. Mais uma vez esse “suplemento de alma” ainda está em fase inicial: não chegou à sua plena maturidade. Mas projetando os progressos realizados até agora, vê-se bem que se trata de uma direção definitiva da história e que tem diante de si todo o tempo para expandir-se. Enumeremos alguns desses direitos:

a) A liberdade e a participação. Deixa o século XX aos séculos futuros o legado do ideal democrático erigido em direito fundamental do ser humano, e a democracia como o único regime que convém à sua sociedade. Isso significa a participação efetiva de todos nas decisões políticas e na riqueza nacional, pois não há liberdade na miséria; e de outro lado, o ser humano não se realiza num regime onde encontra alimentação, mas sua liberdade é negada pelo poder absoluto dos déspotas. A democracia política e a social são uma só democracia: a verdadeira. Um objetivo grandioso e complexo que estamos longe de efetivar em nosso tempo, mas temos todo um século pela frente para que desenvolvamos esse “suplemento de alma”, tornando a democracia tão comum como o sol que nos ilumina e a água que mata a sede; e relegando para o reino da aberração e do inconcebível qualquer forma de poder autocrático.

b) A igualdade e a tolerância. Nossa época deu também passos gigantes na consciência da igualdade. Todos os seres humanos são iguais em dignidade e direitos, e a necessária diferença ou alteridade não pode servir de pretexto a nenhuma forma de discriminação e opressão. Não era isso que pensavam os séculos anteriores: basta lembrar a

apologia que Platão e Aristóteles faziam da escravidão, a situação de opressão da mulher, o etnocentrismo dos povos e classes dominantes que tomavam pretexto da diversidade de raça e de culturas em sua estratégia de opressão. Surgiram, quase ao mesmo tempo no século XX, o movimento anticolonialista, a luta dos negros por seu reconhecimento como cidadãos em pé de igualdade com os brancos, e o movimento feminista para sacudir o jugo de uma discriminação tão antiga como irracional. Marcos decisivos numa direção que a humanidade tomou: reconhecer a plena dignidade de todo o ser humano. Ao mesmo tempo, difunde-se, com certa lentidão, uma mentalidade de tolerância; progresso difícil, pois até John Locke, um dos primeiros defensores da tolerância na era moderna, dizia que essa não devia estender-se aos católicos⁴. Sub-repticiamente, os tolerantes tendem a fazer ilhas de intolerância justamente para aqueles cuja alteridade é mais acentuada e mais precisaria ser abrangida pela tolerância...

De fato, a tolerância não é um sentimento neutro ou omissivo, pois tem, no cerne, a negação de uma negação: nega a intolerância que quer proibir o Outro de ser, eliminá-lo ou reduzi-lo ao mesmo; e afirma a alteridade, desafiadoramente, contra essas tentativas. O “suplemento de alma”, de que nossa civilização está precisando, é que os homens passem a ver a alteridade humana como uma riqueza, como é de fato: é no leque completo de sua diversidade que a essência humana desdobra suas virtualidades e revela o seu sentido; e quanto mais radical é a diversidade, mais nossa natureza se revela na sua surpreendente metamorfose, ou inesgotável pulular de formas físicas e culturais. Só quando o homem tiver uma mentalidade tão aberta para a diversidade quanto a natureza se expande e realiza numa plethora de alteridades, é que terá abolido todo etnocentrismo e toda atitude discriminatória, e superado sua pré-história de preconceitos e discriminações, abrindo as velas no oceano sem margens da alteridade. Eis um “suplemento de alma” que esperamos do novo século ou mesmo do novo milênio. Nossa espécie tem apenas cento e tantos milênios, o que, para uma espécie, é uma curta duração. Se precisar um milênio a mais para aprender a tolerância e a valorização da alteridade, seria também um curto período em relação a tantos milênios de rejeições e de intolerâncias.

c) A vida e a paz. Em todos esses milênios de sua história, a espécie humana tem sido guerreira e concebeu seus deuses à sua imagem e semelhança: deuses guerreiros. Poucos foram os períodos de paz e, ainda assim, só em parte do planeta. Quem diz guerra diz morte: é resolver os problemas políticos e econômicos com a aniquilação dos

⁴ JOHN LOCKE, *Carta sobre a tolerância*, Ed. francesa de Spitz, Paris: Flammarion, 1992, 171. Apud *Tolérance aujourd'hui*, (XIX Congresso mundial de Filosofia), UNESCO, p. 41.

adversários. O abominável Hitler, buscando a solução decisiva da questão judaica através do genocídio, é um paradigma alucinado que homens de Estado, tidos por sábios, seguiram com fidelidade. Não se pode esquecer o bombardeio de Dresden, mas criminosos de guerra como Churchill não compareceram ante o tribunal de Nüremberg, que só julgava os crimes de guerra dos vencidos. Kissinger não foi julgado pelos bombardeios no Camboja nem pelas toneladas de napal e dioxina jogadas sobre populações civis; ao contrário, recebeu ainda o prêmio Nobel da paz. Que diferença faz se os massacres são executados em nome do Estado, das Máfias, ou do Comando Vermelho? É tudo a mesma brutalidade, o mesmo desprezo da vida humana.

Não é possível que, no próximo século — ou se acharem o prazo curto, no novo milênio — a humanidade não se conscientize de que a guerra é uma matança tão celerada como outra qualquer, só que mais assassina que as outras; e mais hipócrita, por invocar a justiça como sua motivação. Que a função do Estado do futuro deve ser promover a paz, estabelecer laços de cooperação e de amizade entre os países. E que *nada vale mais do que a vida*: que a política deve ser uma das estratégias para sua defesa e promoção, e nunca, sob pretexto de razões de Estado, uma máquina de destruição da vida. Aqui, de fato, a humanidade precisa de um “suplemento de alma” depois de tantos milênios guerreiros e de uma educação que, sob pretexto de nacionalismo, patriotismo, justiça, semeava nas populações, desde a tenra infância, sentimentos de ódio, falsidades históricas, ideologias truculentas, etc.

Como fazer que nossa cultura aprecie a vida acima de tudo e abjure de todas essas ideologias de morte? Como fazer que a paz ilumine o coração da humanidade e afaste para longe todo o laivo de violência e de guerra? As forças vivas da Sociedade Civil, as ONGs, as Religiões, os cultores do Direito, da Sociologia e das outras Ciências humanas, como a História, enfim, todos os homens de boa vontade teriam seu lugar nessa imensa tarefa de reeducação dos povos, ativando esse “suplemento de alma” que é o amor à paz. Pois a humanidade vai dispor de armas cada vez mais possantes de destruição e, se continuar nessa mentalidade pré-histórica, violenta e guerreira, nesse desrespeito à vida, certamente vai usá-las para a destruição de todos nós.

3 . *Relações homem / Deus*

Iniciando um novo século, é interessante fazer um retrospecto dos anteriores. Que diferença com o século XVIII, quando se declarava que as religiões eram uma superstição superada; ou mesmo com os começos dos séculos XIX e XX — onde temos de excetuar tanto Hegel

quanto Bergson, que eram demasiado grandes e tinham sensibilidade para valorizar a importância da religião. Tempos de ateísmo, erigido em dogma político por Marx e descendência ideológica e vivido por tantas formas de materialismo e positivismo que se difundiram em nossa civilização. Quem poderia então suspeitar que se chegaria ao novo milênio com a religiosidade mais viva do que nunca: as grandes correntes monoteístas aprofundando sua inspiração básica; correntes alternativas, místicas esotéricas, seitas e crenças de todo tipo surgindo cada dia?

Nietzsche proclamou que Deus estava morto: parece que ressurgiu do túmulo em que o radical filósofo o confinara, e o fez com tanta facilidade como Cristo saíra do santo sepulcro em que José de Arimatéia e Nicodemos o tinham deixado. O século XX, ao declinar, deixou para os novos tempos o legado de uma religião diferente, porque baseada na liberdade: não é imposição do Estado nem da pressão social, mas depende da livre escolha pessoal. Uma religião que, cônica de sua liberdade, respeita a liberdade dos outros, e que aprendeu a tolerância abdicando do fanatismo de outrora. Uma religião que, pelo ecumenismo, procura a comunhão com as outras Igrejas e crenças e se preocupa mais com as convergências fundamentais do que com as divergências de detalhe.

A religião é, por sua natureza, um “suplemento de alma”: para além do plano da natureza e da mecânica social, cria um espaço onde a fé e a esperança podem expandir-se, onde a Ética recebe uma sanção divina, onde um amor maior que todos os amores humanos enche o coração dos fiéis. Assim, um renascimento religioso pode responder à altura os desafios dos novos tempos: dar ao ser humano nova motivação para relacionar-se com a natureza e para construir a sociedade nos caminhos da solidariedade, no respeito e no amor ao próximo, na justiça e na misericórdia. E para defender a vida e construir a paz.

Conclusão

Recapitulando o que foi dito, o horizonte de nossa esperança é povoado não de sonhos, mas da expectativa de que as aquisições positivas do presente representem germes daquele “suplemento de alma” que Bergson achava necessário para nossa civilização espiritual estar à altura dos progressos materiais da tecnologia.

Citamos vários desses “suplementos de alma”, que servem de base à nossa esperança: contanto que, no novo século, ou no novo milênio,

tenham o seu pleno desenvolvimento. Assim, a consciência ecológica, o revigoramento da Ética, a vigência dos direitos humanos, o renascimento religioso, prenunciem uma sociedade em que a vida vença a morte, a paz supere a guerra: um mundo novo que não soçobre na catástrofe e desespero, mas que assista ao triunfo — sofrido mas certo — da esperança.

Enfim, nós que temos fé, sabemos que Deus é o Senhor da História, e que Cristo é o Alpha e o Omega, o princípio e o fim de todas as coisas. O reino de Deus trabalha a história, o terceiro milênio, como os dois anteriores, tem o seu sentido no reino de Deus que nele já está operando, como o fermento na massa, como o grão de mostarda que cresce para tornar-se árvore, e nela acolher as aves do céu. No caso, as aves do céu são esses “suplementos de alma” de que falava Bergson ; são esses *pontos germinativos do futuro* que Hegel descortinava; são os vislumbres que surgem e se expandem nos horizontes de nossa esperança.

Endereço do Autor:
Rua do Príncipe, 526 Bloco C
Boa Vista
50050-900 Recife — PE